

Ciência Investigadora desenvolve estudos sobre o sistema científico

“A falta de confiança na ciência está relacionada com a falta de confiança na autoridade em geral”

Sheila Jasanoff A professora da Universidade de Harvard defende que a falta de confiança na ciência anda de mãos dadas com a falta de confiança no sistema político

Entrevista

Camilo Soldado

Sheila Jasanoff é professora na Universidade de Harvard (EUA), onde tem vindo a estudar as complexas relações entre ciência, tecnologia, direito e política nas sociedades democráticas, um cruzamento de interesses que reflecte a sua própria formação académica, entre a matemática, o direito e a linguística. Mais recentemente, coordenou o CompCoRe, um estudo comparado que analisa as respostas de 16 países à pandemia (Portugal não é um deles). Esteve em Coimbra recentemente, para dar a aula inaugural do programa de doutoramento do Centro de Estudos Sociais e, no final, sentou-se com o PÚBLICO, para uma conversa que começou pelo vício nos *smartphones* e passou pelo impacto da pandemia, pela importância da comunidade e pela confiança na ciência.

Exibiu imagens de um grupo sentado a uma mesa, com as pessoas a olharem para os seus telemóveis, em vez de falarem umas com as outras. Chegámos a um ponto de não retorno nesta relação com a tecnologia?

Tenho uma dupla resposta a essa questão. Penso que estamos sempre num ponto de não retorno, no sentido em que nunca regressamos ao mesmo ponto em que estávamos. Como disse o filósofo grego Heráclito, nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio. É mais uma espiral do que um círculo. Também acho que as pessoas redescobrem coisas e que mesmos os comportamentos dependentes podem ser interrompidos. Algumas pessoas são capazes, outras não. Mas, aqui, a questão mais profunda é: que tipo de ligações valorizamos? As

distantes ou as próximas? De certa forma, a pandemia foi esta experiência sociológica que nenhum de nós queria, mas que quebrou modos de vida estabelecidos e que tínhamos por garantidos. Forçou as pessoas a repensar. Nos EUA, temos assistido a uma certa desurbanização, à medida que as pessoas redescobrem o valor de viver de forma mais próxima da terra. É uma forma diferente de sociabilidade. É em parte sobre a natureza, mas é também sobre a comunidade. É sobre redescobrir o que significa viver numa comunidade e não acordar, apanhar o comboio até ao trabalho de manhã e regressar muito cansado à noite. Isso tem levado muitas pessoas a questionar quais são as ligações que importam. Acho que é uma experiência em curso.

Co-dirigiu um estudo que compara a resposta à covid-19 entre vários países. Há algum aspecto comum aos países que foram bem sucedidos no controlo da doença?

O termo para medir o sucesso foi o controlo da doença, mas o que significou “controlar a doença” mudou ao longo do tempo. Primeiro foi manter a pandemia fora de fronteiras, depois a sobrecarga nos hospitais, em terceiro foi o número de mortos e taxas de infeção e agora é a vacinação. Alguns países adoptaram uma política de “zero covid”. Essa é uma forma de sucesso e, regra geral, essas economias não sofreram tanto. China e Singapura são Estados autoritários e os dois seguiram essencialmente uma política de “zero covid”, com fecho de fronteiras, a erradicar qualquer incidente que ocorra e enfrentaram pouca contestação pública. Na Austrália, o mesmo tipo de procedimentos originou

acções judiciais constitucionais, opondo as políticas do Estado central às políticas dos estados. Em Singapura, no geral, as pessoas aderiram aos confinamentos. Também há um acordo geral sobre que países não foram bem sucedidos. Os países que tiveram confinamentos ineficientes, cujas economias sofreram e ainda assim não conseguiram conter a doença tiveram um problema a três níveis. **Podemos dizer que isso se deve a uma falta de confiança generalizada na ciência?**

Não, de forma alguma. A falta de confiança na ciência está intimamente relacionada com a falta de confiança na autoridade em geral. Nos países em que há altos níveis de desconfiança no sistema político há também altos níveis de desconfiança na ciência. Porque aceitamos o conhecimento científico? Não é porque toda a gente faz uma pequena experiência científica. Quando se vai a uma consulta, como se escolhe o médico? Não é porque já se tenha um resultado à partida, mas é porque há uma sobreposição de sistemas de credenciais.

No fundo, confiamos no sistema segundo o qual os médicos foram ensinados.

Mas isso significa que se confia num sistema de governança, não num sistema científico. Com a covid-19, todos sabemos que há mudanças todos os meses, como mais recentemente, com a terceira dose. Porque é que há uma corrida à terceira dose? É sabido que as pessoas nos EUA que já estavam reticentes em relação às vacinas olham para a terceira dose como prova de que estas empresas [farmacêuticas] estão a vender uma ficção científica. Essas pessoas agora dizem: “Seus tontos, tiveram as duas doses e agora dizem-vos outra coisa. Como podemos confiar que a terceira dose vai



resolver o problema?” Quando Colin Powell morreu...

...De covid-19, mas tinha também outra doença há vários anos.

Sim, tinha um mieloma múltiplo e o seu sistema imunitário não estava a funcionar bem. Nós sabemos isso, porque as pessoas sentiram uma grande necessidade de justificar porque é que uma pessoa com as duas doses da vacina e a receber os melhores cuidados médicos que o dinheiro pode comprar nos EUA morreu de infecção por covid-19. Mas lembremo-nos de quando nos diziam que, se tivéssemos as duas doses, as hipóteses de morrer eram zero.

Ou perto de zero.

[A informação] era apresentada a preto e branco. Se nos pusermos na posição de um céptico que diz “estas empresas farmacêuticas estão a vender os seus produtos com o objectivo de alcançar lucro”, podemos perceber como uma pessoa que já tenha suspeições, ou que já seja negacionista, possa ter

mais “provas” para não confiar no sistema. Acho que a primeira coisa a fazer em sociedades com altos níveis de desconfiança, que não conseguiram criar as condições políticas para combater a pandemia, é ir à raiz do problema. No caso dos EUA, que é o que conheço melhor, o problema é que somos uma sociedade bastante cruel. Não cuidamos uns dos outros nos bons tempos e nos maus tempos isso torna-se evidente: reproduzimos ainda maiores níveis de alienação e descrença.

Mas dizer “somos uma sociedade cruel que se torna pior durante uma pandemia” não é uma explicação simplista?

Não. Simples é diferente de simplista. Dizer que a covid-19 foi um instrumento de diagnóstico que apontou para o problema não é simplista porque não acontece o mesmo em todas as sociedades. Nos EUA, já sabíamos que os trabalhadores essenciais não são bem pagos pelos seus trabalhos. Eu



descendo de uma tradição oriental e há uma lenda sobre a qual continuo a reflectir: é a história do Buda, que nasceu como um jovem príncipe, e o seu pai recebeu a profecia de que ele poderia não lhe suceder no trono. Então, o pai aprisiona o jovem príncipe num estado de conforto. O filho escapa e há quatro coisas que ele não consegue entender: a pobreza, a velhice, a doença e a morte. Esta é uma história antiga sobre religião, mas, de certa forma, é também uma história sobre a modernidade, sobre como podemos ser confrontados com estes factos crus da vida e não os reconhecermos até sermos forçados.

Como vê a existência de grupos antivacinação em sociedades que presumimos estarem informadas?

Bem, obriga-nos a sermos muito mais críticos sobre o que significa “estar informado”. Podemos estar informados sobre os riscos de uma doença, mas isso não é o mesmo que estar moralmente esclarecido

sobre o nosso posicionamento em relação ao outro. As pessoas podem estar informadas no sentido de saberem que se apanham o vírus vão ter uma certa doença ou se levarem a vacina não vão ter essa doença, mas já falei sobre a confiança nessa informação. Se não confiam e dizem “Essa é apenas uma afirmação que estás a fazer”, não estão a rejeitar os dados, mas a credibilidade de quem os transmite. E se não estão informados é porque não aceitam essas afirmações como informação. Isso acontece todos os dias: uma companhia aérea diz “Este é o horário”, mas a partir de que ponto é que esses dados passam a fazer-nos comportar de uma certa forma para apanhar o voo? Sabemos que é uma probabilidade.

Se estiver na Alemanha e olhar para os horários dos autocarros, sabemos que eles correspondem a uma realidade física. Há toda uma infra-estrutura de confiança para



No caso dos EUA, o problema é que somos uma sociedade bastante cruel. Não cuidamos uns dos outros nos bons tempos e nos maus tempos isso torna-se evidente: reproduzimos ainda maiores níveis de alienação e descrença

garantir que está tudo a funcionar: que os motoristas estão a ser pagos, que as estradas estão em condições, que os padrões de tráfego são correctamente previstos. Isso diz algo sobre informação: eu não confio quando olho para os horários dos autocarros em Cambridge [cidade onde estão instalados a Universidade de Harvard e o MIT], no Massachusetts, um bastião de proezas tecnocráticas. Mas confio quando leio na Alemanha.

Isso é porque tem uma experiência pessoal.

O mesmo acontece com a medicina. [Nos EUA] quais têm sido as pessoas menos dispostas a confiar nas vacinas? É a direita radical, que não confia em nada do que a esquerda progressista diz; é a população afro-americana, que não confia na medicina exercida por brancos; são os trabalhadores mal pagos, que repetidas vezes têm tido dificuldade em aceder a medicamentos, que não têm seguro e que, se faltam ao trabalho, ficam numa situação difícil. Creio que a confiança nas instituições, a experiência e os factos estão relacionados.

Num artigo [na revista Science] em que argumenta que, ao contrário do que foi dito, a “ciência não estava no boletim” nas eleições presidenciais de 2021 nos EUA. Pode explicar?

Penso que as pessoas olharam para um modo de vida que estava em causa e chamaram-lhe “ciência”. O que estava no boletim era “Vamos ser um Estado mais libertário, caótico, profascista e autoritário” ou “Vamos ser um Estado em que a decisão do colectivo é o que nos liga, um tipo de sociedade quase social-democrata”? Neste momento, essas duas formas de vida estão muito polarizadas. Se as pessoas não aceitam a ideia de que temos de ser disciplinados a favor do nosso bem colectivo, então é isso que está em causa, não é “a ciência” em si enquanto instituição abstracta – é “a tua ideia de ciência” que está em causa.

Essa formulação, “a tua ideia de ciência”, pode distorcer o próprio conceito de ciência.

Aí coloca-se a questão de saber “que conceito de ciência está a ser distorcido”. Supondo que reconhecemos que a ciência é ciência porque já chegámos a um entendimento de que vamos chamar “ciência” a certas formas de conhecimento...

Não é unânime, mas há um consenso.

Acho que a solução para essa falta de confiança americana é regressar ao que é fundamental e dizer: “Há uma razão para confiarmos nesta coisa chamada ciência.” É uma instituição com informação

validada e verificada através de uma série de meios. Havendo um debate aberto e transparente, quando muitas pessoas olham para a mesma coisa e chegam à mesma conclusão, a informação torna-se confiável. Mas, com estas grandes divisões nos EUA – como as alterações climáticas ou a igualdade de género –, a direita do espectro político está convencida de que está em causa uma visão da sociedade da qual não gosta e de que a ciência está ser produzida para servir essa visão. E como é que os persuadimos? Não podemos achar que, se lhes gritarmos “ciência” alto o suficiente, mais tarde ou mais cedo, eles vão reconhecer a razão. Não vão. Essa já é uma questão diferente.

Creio que a resposta a esta pergunta dava um ensaio [em 2019, Sheila Jasanoff escreveu o livro Can Science Make Sense of Life?]: pode a ciência dar sentido à vida?

(Risos) Acho que escrevi um livro a dizer que não. A ciência está a tornar-se cada vez mais sofisticada a explicar como funciona, no sentido biológico, esta coisa a que chamamos vida. Mas, enquanto ser humano com uma ampla experiência do mundo e tendências humanistas, não aceito isso enquanto definição da minha vida. À medida que me aproximo do fim da minha vida, mesmo que não acredite em Deus, pergunto-me qual é o sentido desta vida que vivi. A ciência não consegue responder-me. Essa é uma resposta muito pessoal e com raízes culturais. No último capítulo desse livro, há uma referência a outra parte da minha educação indiana: os hindus cremam os corpos dos seus mortos, o que não costumava acontecer na tradição cristã. Aludo a esta canção que diz que não foi a vida física que valeu verdadeiramente a pena, mas sim a vida com significado, a que é sobre relacionamentos. Aqui, regressamos ao começo da conversa. Não é a vida com o telemóvel, mas vida com os vizinhos, com o companheiro, com os filhos, com os estudantes, os amigos. Vai lembrar-se desta conversa, eu vou lembrar-me desta conversa. Se escrever alguma coisa, os seus leitores vão retirar algo dela. São como pequenas pedras que atiramos para a água e não sabemos quais os efeitos da ondulação. Talvez a ciência pudesse recolher dados e dizer-nos até onde vai a ondulação, mas, mesmo aí, não pode dizer que impacto terá. E parte da razão pela qual nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio é que todos nós contribuimos de alguma forma para esse rio subterrâneo da condição humana. Não é sobre ciência – é sobre significado.